

«NUNCA VIMOS COISA IGUAL!» (Mc 2,12)**INTRODUÇÃO - 3. «QUANTO É PRECISO QUE ESTE EU HUMANO SEJA GRANDE, MEU AMIGO» (CH. PÉGUY)**

«Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi» (Jo 15,16)

por Pierluigi Banna*

Como aquela mulher doente, temos dentro de nós o motor que move o mundo, que nos salva do tédio, que impede a nossa vida de se reduzir a uma lista de coisas para fazer, fazendo dela algo nunca visto antes. Por isso todos nós somos bem-vindos esta noite, porque temos à disposição três dias em que podemos livremente expressar todo o nosso desejo, sem ter medo dos julgamentos de ninguém e, como aquela mulher, podemos gritar: «Ajuda-me!».

Entre vocês nem todos são católicos, há pessoas de outras religiões, há até pessoas que não creem, mas, como me escreveram nas contribuições, todos vocês estão aqui porque deram um mínimo de crédito a esse desejo de encontrar algo que valha para a vida.

Esta era e é a força de Cristo: extrair dos escombros das decepções e das traições todo o desejo do homem, despertá-lo! Assim Jesus – esta é a coisa realmente impressionante – não se contenta em curar aquela mulher, mas a procura no meio da multidão, quer encontrá-la. E ela fica intimidada, porque pensa que ele vai denunciá-la perante todos. Todos vão descobrir o mal que fez, o erro que cometeu ao tocá-Lo. No entanto, Cristo a chama justamente para lhe dizer que o seu desejo era grande, o seu desejo era justo. Por isso lhe diz: «Filha, a tua fé te salvou». Como diz a frase de Péguy que está na página 10 do livreto,** é como se lhe tivesse dito: «Mulher, o teu eu humano é tão grande, é tão grande que perturbou o mundo do infinito. Um Deus, minha amiga, perturbou-se, sacrificou-se por ti!». A traição, a derrota, o julgamento, a impotência, a decepção não importam; todas estas coisas desaparecem ante aquele olhar. Cristo dá a vida para arrancar dos destroços das traições e das decepções o desejo daquela mulher e de cada homem: «Não foste tu que erraste ao me procurar, não foste tu que me estavas buscando, sou eu quem te estava esperando». «Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi» (Jo 15,16)! É o que eu queria dizer-lhes, como disse o Papa na entrevista desta manhã: «Coragem, vem! Não já estás descartado, já não estás »

* Introdução ao Tríduo Pascal de Gioventù Studentesca, Rimini, 13 de abril de 2017.

** O livreto «*Nunca vimos coisa igual!*» contém os trechos citados no decurso do Tríduo Pascal e pode ser [baixado em formato PDF](#).

» descartada: eu te perdoo, eu te abraço» (Francisco, *O papa dos últimos*, entrevista a P. Rodari, *la Repubblica*, 13 de abril de 2017), o teu desejo é grande.

Como conta um amigo nosso que está preso, num livro que aconselho que todos leiam, até porque tem muitas imagens e pouco texto, um livro que recolhe as tatuagens dos presos com temas religiosos. Massimiliano conta que tinha tatuado num braço esta frase: «Melhor senhor do inferno do que escravo do paraíso». Melhor ser senhor naquele inferno que era a sua vida, do que ser escravo de todos os falsos paraísos que lhe tinham prometido e que o tinha levado à cadeia, como também nos dizia a nossa amiga citada agora há pouco. O problema é que depois foi parar na prisão e se deu conta de que não era senhor, nem mesmo naquele inferno que era a sua vida. Com efeito, como vocês podem ler na página 11, um dia Massimiliano conta a um prisioneiro mais novo que o parou: «Sou o assassino dos meus irmãos, mas a minha condenação não é a prisão perpétua, a minha condenação é tornar-me consciente... Depois, quando tomar consciência, olhe de frente para Deus e verá que Ele o ama como no primeiro dia» (*Cristo dentro*). Assim, depois que também ele, como aquela mulher, se descobriu amado como no primeiro dia, mudou a tatuagem: «Melhor senhor do paraíso do que escravo do inferno». Porque é bom demais ficar com quem liberta o nosso desejo, em vez de ir atrás desses infernos.

Assim aconteceu também com um amigo nosso, que não foi vencido pelo desgosto por si nem pela tradição, graças a um olhar de amor que o esperava: «Pouco tempo atrás houve um período de um mês em que fiquei muito mal: tinha começado a fazer mal a mim mesmo, estava sempre para baixo: toda essa tristeza vinha do fato de eu, às escondidas dos meus pais adotivos, ter encontrado a minha mãe e ter brigado com ela. Ela tinha-me dito muitas coisas muito pesadas: que meu pai não era meu pai, mas o meu padrasto, que eu tinha nascido de uma violência e que ela gostaria de ter abortado. Eu fiquei realmente chocado e não conseguia fazer mais nada, mas depois consegui sair dessa situação graças à missa em memória de Dom Giussani, quando, durante uma leitura, me marcaram as palavras em que Deus diz: “Mesmo que alguma mulher se esqueça do próprio filho, eu de ti jamais me esquecerei” (cf. Is 49,15). Naquele momento, senti-me chamado, diretamente, como se Deus me tivesse dito que Ele existia, que Ele me amava, que estava comigo bem naquela situação. Saí da missa dizendo dentro de mim algo impensável: “Seja louvado Jesus Cristo por eu ter nascido de uma violência”, como que para agradecer a Jesus por tudo o que me aconteceu, porque graças a isto descobri o que é realmente o amor de Deus».

Também cada um de nós gostaria – bem como aquela mulher, o preso, o nosso amigo –, diante da nossa traição, diante da sensação de abandono e de traição que experimentamos, de ser alcançado pelo olhar de Jesus, o mesmo da sua última noite de vida nesta terra. Diante da traição de Judas, assim como diante de todas as traições da vida, Cristo entende que só pode fazer uma coisa: dar a vida por ele, dar a vida para que possa renascer até o desejo de Judas, dar a vida para que o desejo de cada um de nós possa renascer.

Cristo continua a olhar para cada um de nós como olhou para aquela mulher doente, como foram olhados os presos («Ele o ama como no primeiro dia») e o nosso amigo, e nos diz: «Você não nasceu para o erro, eu o escolhi, preferi e dou a vida pelo seu desejo, para que você já não seja escravo e traído pelas pretensões dos outros; para que você já não seja escravo do inferno, mas senhor do Paraíso».

Vamos escutar o trecho do Evangelho em que Jesus fala desse seu dar a vida.

«Como meu Pai me ama, assim também eu vos amo. Permanecei no meu amor. Se observardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como eu observei o que mandou meu Pai e permaneço no seu amor. Eu vos disse isso, para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa. Este é o meu mandamento: amai-vos uns »

» aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor. Eu vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai. Não fostes vós que me escolhesteis; fui eu que vos escolhi e vos designei, para dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça. Assim, tudo o que pedirdes ao Pai, em meu nome, ele vos dará. O que eu vos mando é que vos ameis uns aos outros» (Jo 15,9-17).

Agora vamos celebrar a missa, o gesto que Cristo instituiu há dois mil anos nesta noite, a noite antes de morrer, a fim de que todos os homens pudessem continuar a tocá-Lo como O tocou a mulher doente, como O tocou o preso Massimiliano, como O tocou o nosso amigo. Nesta missa, que é celebrada em todo o mundo, queremos lembrar de modo especial os nossos irmãos egípcios que, indo à missa domingo passado, derramaram seu sangue por causa de uma bomba colocada debaixo de um banco, assim como Cristo deu o Seu sangue e o Seu corpo por nós.

Nestes dias, para todos nós será uma luta contínua entre o prejulgamento que temos sobre nós mesmos – aquele que nos faz pensar que fracassamos na vida –, entre não gostarmos de nós mesmos, entre sermos escravos da opinião dos outros sobre nós e o desejo de que a nossa vida seja algo de grande, de nunca visto. Uma luta entre o prejulgamento e a febre de vida que vemos em nós e que nos faz gritar: «Ajuda-me!», «Cura-me!». Pensem na mulher que sofria de hemorragias, aquela mulher que perdia sangue: ela também viveu essa luta, teve de pôr à parte as opiniões das comadres e de todo o povo – o mesmo que tinha lido sobre a lei de Deus –, teve de vender os seus remorsos e as suas vergonhas e deixar prevalecer apenas o desejo, indo direto entre a multidão, direto para uma só meta, um só objetivo: tocá-Lo, gritar a Ele: «Ajuda-me!».

Como se chama esse pôr à parte as opiniões dos outros e os nossos prejulgamentos para deixar prevalecer esse desejo? Como se chama essa postura – porque, antes de tudo, é uma postura –? Chama-se «silêncio». O silêncio não é a mudez, mas é por à frente de tudo, à frente de todos os prejulgamentos e as confusões da nossa mente, este desejo, deixar prevalecer apenas este desejo. Esta é a condição – pensem nessa mulher que sofria de hemorragias esticando-se, esforçando-se para tocar Jesus, sem se distrair com o resto – que pedimos que seja respeitada fisicamente em alguns momentos destes dias. Pedimos isto para dar voz a este desejo, tantas vezes incômodo, e no entanto tão grande a ponde de “perturbar” a Deus. Mas é uma postura que devemos levar conosco até quando formos dormir, até quando estamos entre nós conversando, no almoço, na praia e quando temos tempo livre. Pedimos uma postura de silêncio para não deixar prevalecer os nossos comentários, mas este desejo único no mundo. Não estamos aqui para perder tempo, mas para tocá-Lo, para ver se há Alguém que nos pode curar. Somos realmente sortudos, porque nestes dias podemos gritar toda a nossa necessidade de sermos curados. Por isso cantamos *Cry no more*, porque estamos felizes de estar aqui, bem-vindos, porque já não há por que chorar, porque «eras escravo, e agora és filho, [...] aguarda-te uma festa toda para ti». Em pé.

Cry no more